

7 OUT 1987

JORNAL DA TARDE



Fundado em 1873

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCIS
(1927 - 1969)

Os poemas de Sarney e os poemas de Fernando Pessoa

Falando ao jornalista Carlos Chagas, 11 dias atrás, quando ainda estava quente o cadáver da Aliança que nunca viveu, o senador Marco Maciel, com aquele ar de Buster Keaton reencarnado (alguém já o viu sorrindo, pelo menos em público?), desvendava-nos, num comentário desolado, toda a desolação do nosso cenário político. Não podia aceitar, dizia ele definindo o único motivo da crise, que o maior partido nacional (o PMDB), "tendo ocupado o poder como ocupou, com 17 ministros e milhares de altos funcionários, permaneça criticando o governo e negando-lhe apoio num sem-número de situações". E acrescentava que, outro dia, no plenário da Assembleia Constituinte, ouvira um parlamentar peemedebista dizer que o governo está pobre. Só que, explicava, se tratava do mesmo parlamentar que, uma semana antes, havia conseguido fazer 600 nomeações numa empresa pública. (!!!)

O que revoltava o senador pernambucano, evidentemente, não era aquilo que, para o leitor, como para nós, espanta, enraivece e revolta, ou seja, o fato em si de — num país onde o governo se julga na obrigação moral de dar leite de graça a 12 milhões de crianças para que elas não morram de fome, e de obrigar as empresas privadas que vivem uma fase de recessão a pagar o transporte dos seus empregados, que não ganham o suficiente para pagá-lo — ser possível uma façanha tão escandalosa em matéria de clientelismo, mas sim o fato de não ter sido ele próprio, ou algum deputado do seu partido, o autor de tal façanha.

Ponderada a participação no governo dos dois partidos da falecida Aliança, o justo seria que, pelo menos, duzentas dessas nomeações coubessem ao PFL.

Por outro lado, como demonstração da ingratidão peemedebista, o exemplo não podia ser mais convincente. Se os parlamentares do partido do dr. Ulysses merecem do governo deferências desse naipe, é realmente inaceitável que o PMDB "permaneça criticando o governo e negando-lhe apoio num sem-número de situações".

Onze dias passados desde que iniquidades desse tipo provocaram o rompimento da Aliança — provavelmente hoje, se a conhecida capacidade de decidir do presidente Sarney não levar a outro adiamento — teremos o desfecho da grotesca pantomima.

Na mesma edição de O Estado de S. Paulo onde o senador Maciel expunha suas desventuras ao chefe da nossa sucursal de Brasília, o principal título da primeira página rezava: "Sai Aliança, entra Bloco do Sarney".

Era o que se podia deduzir da enxurrada de "informações", comentários e fofocas que circulavam nas altas esferas do Planalto.

Finalmente, tão enojado quanto ficamos nós e o leitor ao tomar conhecimento, por meio de declarações como essa que acabamos de comentar do senador Maciel, da torpeza dos motivos que determinam as atitudes da maioria dos políticos da área do governo, o presidente Sarney estava decidido a nadar de braçada no mar de lama até chegar à praia de areias brancas do verdadeiro interesse nacional. Mais ou menos aquilo que diria na sua última Conversa ao Pé do Rádio: "Fora da politicagem e da pressão fisiológica... É hora de acabar com os conchavos políticos, com as baixas práticas administrativas" (como aquela de dar a um fisiológico o direito de nomear num mesmo dia, para uma mesma empresa, paga com o dinheiro de um povo paupérrimo, 600 futuros eleitores).

Como o leitor já deve ter concluído, o fisiológico que nomeou 600 pessoas é um discípulo dos mais talentosos do grande mestre do clientelismo neste país: o dr. Ulysses Guimarães, que ontem completou 71 anos de idade, mais de 40 dos quais na crista da onda política, desde que iniciou sua brilhante carreira sob a paternal proteção do ditador Getúlio Vargas!

Pois bem. Para dar o toque final no quase poema (a definição é do dr. Saulo Ramos), por meio do qual pretendo anunciar à Nação o seu novo compromisso com ela de libertar-se do fisiologismo para entregar-se inteiro a ela, o presidente Sarney acaba de "se aconselhar" com o catedrático vitalício da cadeira de Fisiologia da Universidade de Brasília. E, pelo visto, conselhos é que não faltaram e foram bem aproveitados. O dr. Ulysses não escondia a sua satisfação ao sair, tarde da noite de segunda-feira, do palácio presidencial.

Era tanta a alegria que não podia ser apenas a antegozação da festinha de aniversário que teria na noite seguinte — no Piantela — com carrinho de cachorro quente, forminho de pizza e teatrinho de João Minhoca e tudo mais para a multidão de amiguinhos que não vão faltar, inclusive o Zé Ribamar.

A alegria, ele a justificava, falando aos jornalistas: "Ele destacou na conversa que é filiado ao PMDB e que deseja o apoio do partido em sua obra administrativa(?)" "Ele afirmou que era esse o seu propósito e que levasse aos meus companheiros essa certeza." "O documento — o novo compromisso com a Nação —, acrescentou o aniversariante de ontem, diz respeito a compromissos inscritos no programa e na luta (à luta, filhos da Pátria!) do PMDB."

Em outras palavras, o Bloco do Sarney do jornalista de boa fé era o PMDB e nós não sabíamos.

Hoje à noite, se o presidente não hesitar mais um pouco, você, leitor — "brasileiro" ou "brasileira" —, vai vê-lo na televisão dizendo que, liberto das baixas práticas administrativas, do fisiologismo, dos conchavos e de não sei mais o que, vai poder agora dar prioridade ao social, fazer a reforma agrária, negociar a dívida sem o FMI, manter a reserva de mercado etc. etc. e tal.

E tudo vai continuar dando certo, como já deu certo o Plano Cruzado e só os pessimistas vão continuar não acreditando etc. etc. e tal.

O Novo compromisso, com o Novo líder (Ulysses com mais um ano de idade) para felicidade da Nova República.

Em resumo, estamos hoje exatamente onde estávamos no dia em que Tancredo Neves baixou à sepultura em São João Del Rey.

Já que se trata de poemas, preferimos um de Fernando Pessoa (Álvaro de Campos):

"Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido?

"Será essa, se alguém a escrever,
"A verdadeira história da humanidade..." (substituir por Brasil)

Ou este outro, para Sarney ler na cama, depois que se esgotar seu mandato que ninguém sabe que tamanho terá:

"Mas o que eu não fui, o que eu não fiz, o que nem sequer sonhei;

"O que só agora vejo que deveria ter feito,
"O que só agora claramente vejo que deveria ter sido

"Isso é que é morto para além de todos os Deuses...

"Mas só agora o que nunca foi nem será para trás, me dói!"